



**REPRESENTAÇÃO DE UMA DESUMANIZAÇÃO
NATURALIZADA: UMA LEITURA DE “O ARQUIVO”, DE VICTOR GIUDICE**

**REPRESENTATION OF A NATURALIZED DEHUMANIZATION: A
READING OF VICTOR GIUDICE’S “O ARQUIVO” (THE FILE)**

Acácio Luiz Santos
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Resumo: Este artigo investiga um processo de desumanização naturalizada no conto “O arquivo”, de Victor Giudice, enfatizando as estratégias narrativas, o ethos discursivo, os modos e aspectos narrativos e as três dimensões do discurso.

Palavras-chave: Victor Giudice; estratégias narrativas; ethos discursivo; semiótica e narrativa.

Abstract: This article investigates a process of naturalized dehumanization in Victor Giudice’s short story “O arquivo” (“The file”), emphasizing: the narrative strategies; the discursive ethos; the narrative moods and aspects; and the three dimensions of the discourse.

Keywords: Victor Giudice; narrative strategies; discursive ethos; semiotics and narrative.

Introdução

Há mais de 35 anos aparecia nas letras nacionais *Necrológio*, um volume de contos experimentais, livro de estréia de Victor Giudice, que se tornaria conhecido como uma das principais contribuições brasileiras à estética pós-moderna, que então começava timidamente a circular entre nós. Uma das características marcantes do livro era a representação de processos de anulação do ser, vistos sob o ângulo do absurdo existencial e viabilizados por técnicas experimentais que até hoje impressionam por sua ousadia. O propósito deste trabalho é investigar a representação de uma desumanização naturalizada do ser no conto mais famoso do volume, “O arquivo”, que foi traduzido em várias línguas e foi escolhido para uma coletânea da Editora Globo intitulada *Os melhores contos brasileiros de 1973*, junto com outros clássicos contemporâneos como “A estrutura da bolha de sabão”, de Lygia Fagundes Telles, “Notas de Manfredo Rangel, repórter (a respeito de Kramer)”, de Sérgio Sant’Anna e “Passeio noturno”, de Rubem Fonseca. Para proceder a essa investigação, preciso, antes de mais nada, estabelecer algumas definições preliminares. Sendo o conto a apresentação de um *processo*, é importante considerar as estruturas modais e aspectuais, conforme o modelo greimasiano. Quanto às primeiras, lembro que elas caracterizam, segundo Greimas, uma gramática modal, a qual, por sua vez, “é uma gramática de valorização das

<http://www.fclar.unesp.br/seer/index.php?journal=casa> 1

ações, uma axiologia narrativa em vários níveis do universo narrativo” (NÖTH, 2005, p.161). Por outro lado, “[as] modalidades do “querer” e do “dever” pertencem ao nível *virtual* dos valores, as modalidades do “poder” e do “saber” pertencem ao nível da *atualidade*, e as modalidades do “fazer” e do “ser” pertencem ao nível da *realização*” (ibidem). Quanto às segundas, correspondem elas às aspectualizações do discurso, isto é, elas “descrevem continuidades, descontinuidades, estabilidades e instabilidades na representação narrativa dos eventos” (idem, p.162). A tais estruturas relacionar-se-á, por sua vez, o ethos discursivo dos personagens, entendido esse termo a partir de alguns princípios mínimos. Em primeiro lugar, o ethos discursivo “é uma noção *discursiva*, ele se constrói através do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior a sua fala” (MAINGUENEAU, 2008, p.17). Em segundo lugar, ele “é fundamentalmente um processo *interativo* de influência sobre o outro” (ibidem). Enfim, em terceiro lugar, ele é “uma noção fundamentalmente *híbrida* (sócio-discursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica” (ibidem). Quanto à particular organização do discurso, cabe lembrar que “organizar a experiência para fazer dela um discurso é, antes de tudo, nela descobrir (ou projetar) uma *racionalidade*, uma direção, uma ordem, uma forma intencional, ou, ainda, uma estrutura” (FONTANILLE, 2007, p.187). Dessa forma, constituem-se as racionalidades discursivas “de que nos valemos para organizar nossa experiência em discurso: a racionalidade da *ação*, da *paixão* e da *cognição*, que constituem as três grandes dimensões de nossa atividade de linguagem” (ibidem). Estabelecidas estas definições, passo agora à investigação proposta.

Uma desumanização naturalizada

O conto “O arquivo”, desde sua abertura, emprega técnicas e estratégias textuais inovadoras:

No fim de um ano de trabalho, João obteve uma *redução* de quinze por cento em seus vencimentos.

João era moço. Aquele era seu primeiro emprego. Não se mostrou orgulhoso, embora tenha sido um dos poucos contemplados. Afinal, esforçara-se. Não tivera uma só falta ou atraso. Limitou-se a sorrir, a agradecer ao chefe. (GIUDICE, 1972, capa-p.01)

Os dois lacônicos parágrafos de aberturas são ricos de sugestões significativas. Inicialmente, observo que, na edição original, como se depreende da referência citada, o texto começa já na própria capa, e prossegue na página 1. Somente após seu término, aparecem os convencionalmente chamados elementos pré-textuais (folha de rosto, informações editoriais, sumário, dedicatória, citação), para os quais, no presente caso, a denominação é questionável. O texto transcende, assim, seu lugar convencional no livro, sugerindo novas relações significativas entre os seus elementos. Desde seu início, portanto, “O arquivo” inaugura uma nova forma de significar o livro. Além disso, a disposição gráfica estabelece também novas redes significativas. Dois elementos se destacam aqui, os quais, infelizmente, não são observados na edição antológica do conto, pela Editora Globo, citada na introdução. O primeiro deles é a palavra *redução*, que, junto com o início do texto, até “Aque-” (de “Aquele”, segundo parágrafo, primeira linha), aparece na capa, impressa sobre fundo preto. Todavia, enquanto todas as demais palavras do texto na capa estão escritas em amarelo, *redução* é a única escrita em vermelho, apresentando, assim, uma notável variação

tipográfica. Ora, isto poderia ser atribuído ao responsável pelo design da capa, se não acarretasse uma especial significação, considerados os aspectos pragmáticos e semânticos particulares do texto. Com efeito, a palavra destacada representa o tópico recorrente do livro e fim último desejado pelo protagonista João, que, como veremos um pouco mais adiante, trabalha aspirando a reduções salariais e de condições de trabalho.

A editoração de “O arquivo”, inserida na capa, estabelece portanto um jogo de aproximações semióticas inovadoras. Assim, valemo-nos de uma *alça* como suporte para abrir uma *gaveta* que nos dá acesso ao *conteúdo* de um *arquivo*. Por nossa vez, detemo-nos na palavra *redução* na capa, em destaque visual, vermelha entre letras amarelas e, portanto, um elemento gráfico proeminente na comunicação preliminar pretendida pelo artefato livro. E, ao virar a *capa*, viabilizamos o restante do *texto*, cuja editoração agora suprime metade do espaço útil da página, recuando a margem esquerda até o meio desta, o que transforma o preto sobre o branco da página em um formato retangular verticalizado, que sugere uma representação visual de um *arquivo*.

Todavia, considerando o *signo* “*redução*” como chave privilegiada de interpretação dos elementos significativos do texto, abrimo-nos ao *funcionamento semiótico particular* do texto como *representação de um processo* de desumanização naturalizada, cujo termo será o avultamento de um *arquivo*. Finalmente, na gramática narrativa, a *redução* inaugura o *ciclo narrativo* do protagonista, pautado por uma rígida *estrutura modal e aspectual* na narrativa, que concluirá com a transformação do protagonista em um *arquivo*. Portanto, a narrativa representa a desumanização gradativa de um homem por sucessivas reduções, até transformar-se em arquivo. A redução do “espaço em preto” significa ainda a perda da palavra, uma “redução” discursiva brilhantemente significada. Outro elemento indicador desta redução é o nome do protagonista, que funciona no texto como um nome comum em português, sempre com inicial minúscula. Cabe reparar ainda que o apagamento do humano significado é tão radical que o nome “João” permanece em minúsculas, mesmo em início de período, como se vê na abertura do segundo parágrafo. A persistência do comum aponta destarte para um caso não individual, mas que se abre à compreensão de toda uma gigantesca massa de homens explorados sem consciência disto. Nesse ponto, prossegue a narrativa descrevendo os ajustes do personagem:

No dia seguinte, mudou-se para um quarto mais distante do centro da cidade. Com o salário reduzido, podia pagar um aluguel menor.

Passou a tomar duas conduções para chegar ao trabalho. No entanto, estava satisfeito. Acordava mais cedo, e isto parecia aumentar-lhe a disposição.

Dois anos mais tarde, veio outra recompensa.

O chefe chamou-o e lhe comunicou o segundo corte salarial.

Desta vez, a empresa atravessava um período excelente. A redução foi um pouco maior: dezessete por cento.

Novos sorrisos, novos agradecimentos, nova mudança. (GIUDICE, 1972, p.01)

O trecho acima descreve a adaptação de João a circunstâncias mais carentes de forma otimista (“estava satisfeito”), indicando que a carência era exatamente seu objetivo. O trecho caracteriza também a formação de um ciclo narrativo, sugerindo uma pista para a modalização do discurso: freqüentativo e gradativo. Este ciclo é formado pela seguinte cadeia de eventos: trabalho – recompensa (às avessas: redução) – satisfação – adaptação otimista a circunstâncias mais precárias – trabalho, etc. A semântica do evento, portanto, aparece parcialmente invertida, no tocante ao retorno (a redução salarial) que João tem por sua jornada

e à sua reação (de realização de objetivos). Ele trabalha, assim, firme em busca de um objetivo profissional (semântica normal), mas este objetivo implica a desvalorização de sua jornada, pela redução (semântica invertida), e a reação do personagem é de satisfação, pois era a isto que ele aspirava (semântica parcialmente invertida: o esforço é recompensado pela conquista do objetivo cobiçado – normal; a recompensa pelo esforço firme é a desvalorização do mesmo – invertida).

O conto representa, assim, um paradoxo que aponta para a alienação dirigida do homem moderno e contemporâneo, reduzido a instrumento de trabalho e persuadido a se contentar com sua condição. Mas essa persuasão acaba por naturalizar a auto-anulação do ser, que encara como normal a atividade paradoxal aniquiladora do ser. Que esta condição é, entretanto, dirigida, revela-o a presença de elementos que se situam fora do ciclo parcialmente invertido. O trecho acima, com efeito, permite significar a presença de elementos (“o chefe”, “a empresa”) cujo ciclo produtivo é perfeitamente normal do ponto de vista semântico: lucro – distribuição desigual dos lucros – satisfação/reconhecimento – mais investimentos – lucro, etc. É possível inferir a participação desleal do chefe na troca de interesses com seu funcionário: se o trabalho duro acarretasse naturalmente reduções e desqualificações, como haveria chefe? Ou como a empresa se sustentaria no mercado?

O conto contrasta, pois, dois mundos de sentidos diferentes: o do chefe e da empresa, cujo ciclo profissional é semanticamente normal, e o de João, cujo ciclo, pautado por uma semântica parcialmente invertida, obtém, no âmbito maior do contato entre os dois mundos, um efeito conveniente para o primeiro, que exige o máximo de esforços do segundo e o induz a ver como natural a “recompensa” invertida. Com esse funcionamento semiótico, o conto questiona o princípio da alienação do homem comum, representando de forma contundente seu aniquilamento voluntário. Estabelecidos os dois ciclos, um semanticamente normal e outro parcialmente invertido, os actantes seguirão doravante suas regras distintas e sua particular interação de proveito unilateral, como o atesta o seguimento do conto:

Agora, João acordava às cinco da manhã. Esperava três conduções.
Em compensação, comia menos. Ficou mais esbelto. Sua pele tornou-se menos rosada. O contentamento aumentou.
Prosseguiu a luta. (GIUDICE, 1972, p.01)

Em rápidos instantâneos, reaparecem as adaptações otimistas a circunstâncias cada vez mais precárias, tornadas mais dramáticas pela determinação de João em “progredir”, em “prosseguir na luta”. A distorção semântica trabalha nele incentivando-o a perseguir sua própria aniquilação como recompensa “justa” de seus esforços. O termo “luta”, aqui, não é gratuito, como revela o seguinte trecho:

Porém, nos quatro anos seguintes, nada de extraordinário aconteceu.
João preocupava-se. Perdia o sono, envenenado em intrigas de colegas invejosos. Odiava-os. Torturava-se com a incompreensão do chefe. Mas não desistia. Passou a trabalhar mais duas horas diárias. (GIUDICE, 1972, p.01-02)

Esse trecho permite representar o ambiente em perpétua competição e luta com que João convive, representando uma semântica “normal” da “competição”. Apenas, nesse caso, os objetivos são os mesmos de João, portanto, os empregados da empresa coparticipam (tal como João, sem ter consciência disso) da semântica parcialmente invertida de “realização profissional”. A crueldade desse dirigismo cultural, que orienta um vasto número de pessoas de condição social inferior a serem “idiotas úteis”, lutando por objetivos no fundo hostis a

elas próprias, revela a contundência e permite entender o grande impacto que essa obra exerceu em seu lançamento. Mas a persistência de João é enfim “recompensada”:

- Seu João. Nossa firma tem uma grande dívida com o senhor. João baixou a cabeça em sinal de modéstia.
- Sabemos de todos os seus esforços. É nosso desejo dar-lhe uma prova substancial de nosso reconhecimento. O coração parava.
- Além de uma redução de dezesseis por cento em seu ordenado, resolvemos, na reunião de ontem, rebaixá-lo de posto. A revelação deslumbrou-o. Todos sorriam.
- De hoje em diante, o senhor passará a auxiliar de contabilidade, com menos cinco dias de férias. Contento? (GIUDICE, 1972, p.02)

Do trecho acima, é notável o ethos discursivo representado. O diálogo de João com o chefe e a diretoria representa uma situação de aparente normalidade (“você foi um bom funcionário, eis aqui sua justa recompensa”), que estabelece uma troca de valores virtuais (João: excelente funcionário para a empresa – trabalha duro; chefe: excelente empregador para o funcionário – premia seus esforços). No entanto, como representado no conto, esse ethos externo é, no fundo, falso, pois constituído sobre uma semântica unilateral (normal para o chefe, distorcida para João) e voltada para a vantagem de um lado apenas, com o consentimento inconsciente da outra parte:

Radiante, João gaguejou alguma coisa ininteligível, cumprimentou a diretoria, voltou ao trabalho.

Nesta noite, João não pensou em nada. Dormiu pacífico, no silêncio do subúrbio. (GIUDICE, 1972, p.02)

O sono pacífico de quem venceu uma “luta” é o lado tragicômico de uma triste situação comum na cultura moderna, pois representa o homem satisfeito por “conquistas” desumanizadoras. Essas conquistas invertidas servem entretanto de motivação para outras, num processo que reatualiza o ciclo auto-anulador progressivamente amplificado:

Mais uma vez, mudou-se. Finalmente, deixara de jantar. O almoço reduzira-se a um sanduíche. Emagrecia, sentia-se mais leve, mais ágil. Não havia necessidade de muita roupa. Eliminou certas despesas inúteis, lavadeira, pensão.

Chegava em casa às onze da noite, levantava-se às três da madrugada. Esfarelava-se num trem e dois ônibus para garantir meia hora de antecedência.

A vida foi passando, com novos prêmios. (GIUDICE, 1972, p.03)

A privação de João atinge aqui suas três dimensões de racionalidade: temporal, actancial e espacial. Ele mais uma vez se muda para um local cada vez mais distante do trabalho (fracasso espacial); sua jornada de trabalho, em consequência disso, não lhe deixa tempo para dormir e recuperar-se da jornada (privação temporal); finalmente, o próprio trato de si é negligenciado (fracasso actancial), preparando o fim desumanizador da narrativa. Sua decadência, seguindo fielmente a lógica deste ciclo, é vivida por ele, no entanto, como realização:

Aos sessenta anos, o ordenado equivalia a dois por cento do inicial. O organismo acomodara-se à fome. Uma vez ou outra, saboreava alguma raiz das estradas. Dormia apenas quinze minutos. Não tinha mais problemas de moradia ou vestimenta. Vivia nos campos, entre árvores refrescantes, cobria-se com os farrapos de um lençol adquirido há muito tempo.

O corpo era um monte de rugas sorridentes. (GIUDICE, 1972, p.03)

Ao final de sua trajetória, João abdicou quase completamente das racionalidades discursivas, subsistindo com o mínimo em todos os aspectos. Nesse trecho, a narrativa na verdade reforça o ciclo já estabelecido. O acúmulo de informações agora redundantes (satisfação com as reduções, adaptação sempre otimista a condições precárias, agora já em estado de miséria) dá à narrativa uma aspectualização gradativa e reiterativa, cuja culminância é a satisfação de João com seu estado acabado, cheio de “rugas sorridentes”. Mas, como todo ciclo fadado a se retroalimentar, as “recompensas” de João não acabam:

Quando completou quarenta anos de serviço, foi convocado pela chefia:

– Seu João. O senhor acaba de ter seu salário eliminado. Não haverá mais férias. E sua função, a partir de amanhã, será a de limpador de nossos sanitários. (GIUDICE, 1972, p.03-04)

A unilateralidade semântica encaminha-se aqui para um clímax: o objetivo de João (a redução) parece ter enfim se concretizado inteiramente: é o fim de todos os “benefícios” trabalhistas (ao menos em uma semântica normal): salário, férias. Quanto à natureza do trabalho, ele passará agora a exercer um trabalho não qualificado, rebaixado, portanto, no quadro funcional da empresa. Em coerência com sua semântica distorcida, João se emociona positivamente:

O crânio seco comprimiu-se. Do olho amarelado, escorreu um líquido tênue. A boca tremeu, mas nada disse. Sentia-se cansado. Enfim, atingira todos os objetivos. Tentou sorrir:

– Agradeço tudo que fizeram em meu benefício. Mas desejo requerer minha aposentadoria. (GIUDICE, 1972, p.04)

A realização às avessas de João finalmente se concretiza: “todos os objetivos”, que visavam à sua aniquilação como pessoa, foram atingidos. Mais uma vez estabelece-se o diálogo pautado por um ethos discursivo aparentemente natural, marcado pela comoção de João e mais uma série de penhorados agradecimentos por ser tão “recompensado”, mas ele já atingira tudo que cobiçava. Mesmo com tanto “prêmio”, agora é hora de encerrar, afirma João, para a incompreensão de seu “excelente” chefe:

O chefe não compreendeu:

– Mas seu João, logo agora que o senhor está desassalariado? Por quê? Dentro de alguns meses terá de pagar a taxa inicial para permanecer em nosso quadro. Desprezar tudo isto? Quarenta anos de convívio? O senhor ainda está forte. Que acha? (GIUDICE, 1972, p.04)

O ethos discursivo do chefe, pelo qual ele neutraliza no discurso a unilateralidade das trocas, revela-se sinceramente surpreso. Não quereria João ir além de seus objetivos? A negociação estende a João mais uma grande “vantagem sedutora”: a perspectiva de ter de pagar para trabalhar, ao alcance apenas de poucos “privilegiados”, de longos anos de

casa, como João. Após o breve discurso da sedução, ele passa a palavra ao empregado, aguardando um retorno deste. Mas João decidiu: está na hora de, finalmente, concluir o processo e encerrar o ciclo:

A emoção impediu qualquer resposta.
João afastou-se. O lábio murcho se estendeu. A pele enrijeceu, ficou lisa. A estatura regrediu. A cabeça se fundiu ao corpo. As formas desumanizaram-se, planas, compactas. Nos lados, havia duas arestas. Tornou-se cinzento.
João transformou-se num arquivo de metal. (GIUDICE, 1972, p.04)

O processo agora se conclui com a desumanização final de João, coisificando-se em um arquivo de metal, apto a ser plenamente usado pela empresa como objeto funcional, fora da esfera da humanidade. Tornando objeto de uso, ele agora se torna um ser em ato propriamente dito pois, com a transformação, torna-se obsoleta a mediação do discurso e das trocas discursivas que o levavam a traduzir semanticamente como normal o ciclo iniciado com sua primeira redução no emprego. Com o último parágrafo, esclarece-se de vez o sentido das aproximações “redução > arquivo”, presentes em profusão desde o início do texto, concluindo assim um retrato impiedosamente realista de um processo desumanizador que significa milhares de Joãos.

Conclusão

Do que foi dito, confirma-se a força narrativa e o brilhantismo técnico de Victor Giudice, cujo falecimento, em 1997, representou o fim de um período excepcional da ficção brasileira experimental. Ficam, à guisa de conclusão, algumas observações: a) “O arquivo”, caracterizado como texto polissêmico, permite afirmar, no plano discursivo, o desgaste da experiência contemporânea, que reduz, silencia seu discurso, orientada para seu próprio aniquilamento; b) a semântica distorcida veiculada socialmente é um dos instrumentos mais fortes e eficazes de perpetuação das tragédias sociais modernas; c) como consequência do item anterior, a desumanização gradativa é vivida como um processo natural, de busca pela realização. Ao desarticular a malha discursiva dessa “armadilha de linguagem”, “O arquivo” assegura, portanto, um lugar de destaque na literatura pós-moderna brasileira, por tratar de um tema atual e devastador, tendo a linguagem e a consciência do funcionamento semiótico do texto como armas fundamentais.

Referências bibliográficas

- FONTANILLE, J. **Semiótica do discurso**. São Paulo: Contexto, 2007.
- GIUDICE, V. “O arquivo”. In: **Necrológio**. Rio de Janeiro: Editora O Cruzeiro, 1972.
- MAINGUENEAU, D. “A propósito do ethos”. In: MOTTA, Ana Raquel & SALGADO, Luciana. **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p.11-29.
- NÖTH, W. **A semiótica no século XX**. 3ed. São Paulo: Annablume, 2005.